



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/FRANCÊS

WILLIAM ARAGÃO DE CASTRO

***AVENTURAS POÉTICAS DE ROMUALDO RODRIGUES PALHANO: POESIA
AMAPAENSE E A PRESENÇA DO ROMANTISMO.***

Oiapoque/AP
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/FRANCÊS

WILLIAM ARAGÃO DE CASTRO

***AVENTURAS POÉTICAS DE ROMUALDO RODRIGUES PALHANO: POESIA
AMAPAENSE E A PRESENÇA DO ROMANTISMO.***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para
obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Letras Português/Francês, pela
Universidade Federal do Amapá –
UNIFAP. Orientadora: Prof.^a Mestra
Lucinéia Alves dos Santos

Oiapoque/AP

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

Castro, William Aragão de.

Aventuras Poéticas de Romualdo Rodrigues Palhano: Poesia amapaense e a presença do Romantismo. / William Aragão de Castro. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2022.

38p.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Amapá – Campus Oiapoque, 2022.

Orientador: Profa. Mestra Lucinéia Alves dos Santos.

1. Literatura. 2. Poesia Amapaense. 3. Romualdo Rodrigues Palhano. 4. Romantismo I. Santos, Lucinéia Alves dos. (Orientadora). II Título. III. Universidade Federal do Amapá Campus Oiapoque.

869.1098116 C355m
CDD 22.ed.



UNIFAP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
COLEGIADO DE LETRAS**

ATA DE DEFESA DO TCC

No dia 14 de novembro de 2022, na sala 12 da Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional de Oiapoque, foi instalada a comissão formada pelos docentes abaixo descritos, e realizada a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de monografia, requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras, do acadêmico **WILLIAM ARAGÃO DE CASTRO**, regularmente matriculado no curso de Letras Francês/ Português. O trabalho intitulado **AVENTURAS POÉTICAS DE ROMUALDO RODRIGUES PALHANO: POESIA AMAPAENSE E A PRESENÇA DO ROMANTISMO**, sob a orientação da Profa. Mestra Lucinéia Alves dos Santos, foi apresentado após a abertura da sessão presidida pela docente. Em seguida, a banca fez as considerações sobre a monografia e reuniu-se para fazer a somatória das notas. Ao final foi atribuída a nota 8,0 (oitos) e a aprovação do trabalho. Sem mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão às 16 horas e 10 minutos, e lavrada a presente ata que segue assinada por todos os membros da banca.

Oiapoque, 14 de novembro de 2022.

- 1) Lucinéia A. dos Santos
Profa. Mestra Lucinéia Alves dos Santos
Presidente e orientadora
- 2) Edilson Alves de Souza
Prof. Dr. Edilson Alves de Souza
Membro da banca examinadora
- 3) Rafael Costa Santos
Prof. Mestre Rafael Costa Santos
Membro da banca examinadora

RESUMO

O referido trabalho teve a pretensão de analisar a obra *Aventuras Poéticas* do escritor e professor Romualdo Rodrigues Palhano. Para tanto, utilizou-se a metodologia comparativa. Assim, apresentou-se um breve histórico da poesia amapaense, além de algumas considerações sobre o Romantismo Brasileiro. Destarte, foi possível observar os aspectos comuns da literatura amapaense nos escritos do poeta, bem como o forte diálogo destes com a citada escola literária do século XIX.

Palavras-chave: Romualdo Rodrigues Palhano; aventuras poéticas ; poesia amapaense; O Romantismo.

RÉSUMÉ

Cet ouvrage a eu pour but d'analyser l'œuvre Aventures Poétiques de l'écrivain et professeur Romualdo Rodrigues Palhano. Pour cela, la méthodologie comparative a été utilisée. Ainsi, une brève histoire de la poésie de l'Amapá a été présentée, ainsi que quelques considérations sur le mouvement romantique au Brésil. Ainsi, il a été possible d'observer les aspects communs de la littérature amapaense dans les écrits du poète, ainsi que leur fort dialogue avec l'école littéraire du XIXe siècle susmentionnée.

Mots clés: Romualdo Rodrigues Palhano; aventures poétiques; poésie amapaense; Le romantisme.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 Contribuições para a formação da poesia amapaense	10
1.1. A poesia amapaense: Breve histórico e seus objetos de inspiração	10
1.2. A imprensa como veículo de divulgação: <i>O Jornal Amapá</i>	18
1.3. As manifestações de poetas amapaenses	22
2 <i>As Aventuras Poéticas</i>	24
2.1. As representatividades amapaenses em <i>Aventuras Poéticas</i>	24
2.2. O Romantismo e alguns dos aspectos românticos em <i>Aventuras Poéticas</i>	28
Considerações finais	36
Referências	38

INTRODUÇÃO

Ao cursar pela primeira vez a disciplina Literatura Amapaense, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), pude perceber o quão pouco ou nada se conhece sobre as obras poéticas de autores do Estado do Amapá. Isso despertou meu interesse em desenvolver esta pesquisa.

Romualdo Rodrigues Palhano, autor da obra *Aventuras Poéticas*, é um desses autores pouco ou nada conhecidos entre os estudantes do Estado do Amapá, seja no âmbito escolar de nível fundamental e médio, seja no meio acadêmico amapaense.

Romualdo Rodrigues Palhano nasceu em 9 de janeiro de 1961, em Nova Cruz – RN. Em 1985, foi licenciado em Educação Artística, habilitado em Artes Cênicas. Tornou-se Mestre em Serviço Social em 1992, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2004, doutorou-se em Artes Cênicas pela UNIRIO e Pós-Doutor em Teatro, em 2009, pela UFPB.

Escritor, poeta, ator e arte-educador, possui diversas obras publicadas entre poesias, literatura infantil. Além de estudos acadêmicos sobre o Teatro na Paraíba e no Amapá. Aos 15 anos, começou a escrever suas primeiras poesias e a montar espetáculos infantis.

Em 1995, assume uma vaga de professor na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e em 2016, implantou o Curso de Teatro na instituição, onde continua produzindo poesias.

Entre suas publicações estão: *Grito Incontido* (1988), *A Estrela e a Rã* (1998), *Brincando com Linhas* (2001), *Teatro de Bonecos: Alternativa para o Ensino Fundamental na Amazônia* (2001), *Entre Terra e Mar: Sociogênese e Caminhos do Teatro na Paraíba* (2009), *A Saga de Altimar Pimentel e o Teatro Experimental de Cabedelo* (2009), *Fronteiras Entre o Palco e a Tela: Teatro na Paraíba, 1900-1916* (2010), *Entre Parêntesis* (2010), *O Teatro na Terra de Zé da Luz: Da União Dramática ao GETI* (2011), *Artes Cênicas no Amapá* (2011), *A Ovelha Malhada* (2011), *Eu e a Rainha do Vale: De Menino a Rapazinho* (2012), *O Pato e o Lago* (2012), *Entre Pai & Filhos* (2012), *Curso de Teatro no Amapá: Concepções e Proposições para o Ensino Superior* (2012), *Pablito e a Libélula* (2013), *A China é Aqui* (2013), *Teatro no Amapá: Artistas e Seu Tempo* (2013), *Arque com Arte:*

Cultura, Arte e Educação no Estado do Amapá (2014), *Aventuras Poéticas* (2014), *Dramaturgia Amapaense* (2015).

Partindo da ideia do que é poesia amapaense, optou-se neste trabalho por analisar a obra do citado autor, até o presente momento pouco conhecido na Academia. Apesar de não ser natural das terras amapaenses, vive, trabalha e produz na região e sobre a região. Assim, procurou-se aqui conhecer mais sobre a temática pouco explorada na produção científica.

Levando isso em consideração, este estudo traz as teorias de alguns pesquisadores sobre a poesia amapaense. Material esse que nos proporcionou identificar essa tipologia de obras poéticas e seus autores. Obras ignoradas por quem se interessa apenas por explorar criações de autores canônicos.

Para este estudo foi aplicada a metodologia comparativa, coletando informações sobre o tema abordado, logo, se trata de uma pesquisa bibliográfica, de autores que já tenham feito algo similar com o tema apresentado, buscando conceitos para saber identificar tais características que definem a obra do autor.

No primeiro capítulo desse estudo, foi apresentado um pequeno histórico da formação da poesia amapaense e seus contribuintes. Destacou-se como a imprensa foi importante na divulgação da poesia local, assim como algumas manifestações de poetas.

No segundo e último capítulo desta pesquisa, foi feita uma análise da obra de Palhano. Para isso, discutiu-se sobre o que foi o Romantismo no Brasil e suas características, além de discorrer sobre seus principais autores. Feito isso, observou-se o porquê de as *Aventuras Poéticas* se encaixarem ao meio da poesia amapaense e se identificarem com os aspectos românticos em seus poemas.

1 Contribuições para a formação da poesia amapaense

A este capítulo reserva-se a missão de trazer informações sobre um pequeno apanhado histórico das produções poéticas amapaenses. Junto a isto, estarão os principais ícones/ objetos, que são representativos da região e que acabaram servindo de inspiração para os escritores.

Veremos como a participação do *Jornal Amapá*, não só como meio impresso que contribuiu para a propagação política do Amapá no âmbito nacional, mas também na divulgação de algumas produções poéticas da época e de seus autores.

Por fim, conheceremos algumas manifestações de poetas amapaenses que, com o intuito de preservar e valorizar a criação poética da região, acabaram incentivando o surgimento de novos talentos, quem sabe, aspirantes a futuros escritores do Amapá.

1.1. A poesia amapaense: Breve histórico e seus objetos de inspiração

Do mesmo modo que nas demais regiões do Brasil, no Amapá as manifestações poéticas teriam sua gênese normalmente vinculadas à literatura trazida por nossos colonizadores portugueses: “[...] A literatura brasileira, em especial análise para o Estado do Amapá, é uma expressão de cultura gerada no seio da literatura portuguesa [...]” (PICANÇO, CABRAL, SANTOS, PENA, CARMO, CHUCRE, 2011, n.p.)

A literatura amapaense seguiu uma cronologia específica ao longo de sua evolução, evidenciando sua importância participativa na construção política, social e cultural de cada momento dos períodos históricos do Amapá.

Essa literatura tem seus períodos específicos aos quais chamo de temporalidades literárias para situar metodologicamente o tempo de suas criações. São voltadas [...] para: 1) Período da construção da FSJM (1764-1782). 2) Período da criação e instalação do Território Federal do Amapá – Governo de Janary Nunes (1944-1956). 3) Período ditatorial (1964-1985) e 4) Período Democrático, a partir de 1985, passando pela criação do Estado do Amapá, em 1988, até a atualidade. Esses períodos parecem falar da construção de uma identidade local. (CANTO, 2019, p. 33-34)

As produções literárias do período da construção da Fortaleza de São José de Macapá (em alguns momentos, representada pela sigla FSJM), focaram em mostrar a importância da presença dos conquistadores europeus na região. Fernando Canto nos mostra a importância de documentos informais/ pessoais dessa época, que contribuíram para a formação literária amapaense, como por exemplo, a existência de cartas dos construtores da fortificação, trazendo informações históricas, escritos imaginários ou não, algumas como uma espécie de romance, por assim dizer, como versa Canto (2019, p. 81-82):

No decorrer dos anos muito foi escrito sobre a fortificação, através de diversos gêneros literários que a evidenciaram como elemento unificador da sociedade local no aspecto do sentimento de pertencimento que os habitantes se identificavam [...] suas biografias fazem parte do contexto histórico, talvez verdadeiros, talvez ficcionais, pois os conteúdos epistolares também estão sujeitos à invenção e às intrigas comuns entre militares que viviam o dia-a-dia da construção com o objetivo de terminá-la, não importavam os meios. Estavam em Macapá como representantes da colônia lusitana, que a história se encarregou de reconhecê-los mais tarde como heróis.

As temporalidades citadas anteriormente por Fernando Canto, da época da instalação do Território Federal do Amapá, da ditadura militar e da criação do Estado do Amapá, foram fatores que também contribuíram para o surgimento de autores para a literatura amapaense, como observa-se em Canto (2019, p. 33-34):

Na segunda temporalidade, que trata do discurso fundador do Território Federal do Amapá, estão o primeiro governador do Amapá, Janary Gentil Nunes; Álvaro da Cunha, o organizador da “Mística do Amapá”, que também era burocrata e poeta; a antropóloga Dominique Gallois, que fala a respeito de “Mairi”, (a FSJM) do mito fundador dos índios Waiãpi, e diversos políticos brasileiros que deixaram suas impressões sobre o Território Federal do Amapá no período de gestão de Janary Nunes (1944-1958). Na terceira, que se refere ao período da ditadura militar, estão os autores Maria Ester Pena de Carvalho (romancista), Ray Cunha (contista e romancista), Jorge Hernari (romancista), Luiz Jorge Ferreira (poeta), José Aragarino de Mont’Alverne (ex-inspetor da Guarda territorial e ex-delegado de polícia e cronista), um cronista anônimo que publicou um texto sobre a Doca da Fortaleza em uma revista local. A quarta temporalidade traz textos do poeta Joãozinho Gomes, da cronista Luli Rojanski, do cronista e memorialista João Alberto Capiberibe, ex-governador do Estado do Amapá, da cronista e memorialista afrodescendente do quilombo do Curiaú, Esmeraldina dos Santos, dos poetas Almeida Júnior e Roberto Serra, dos irmão e poetas

Jeconias, Hodias e Obdias Araújo, que quando crianças moravam dentro do prédio da FSJM [...] do ex-senador pelo Amapá, escritor José Sarney e outros autores que se referem à edificação contemporaneamente.

Na tentativa de valorizar e identificar tudo aquilo que faz parte da cultura e da sociedade amapaenses, Janary Nunes encontrou no caboclo mais um símbolo a ser incorporado nessa caracterização do povo amapaense. Ainda hoje, muito se produz na literatura regional sobre o caboclo, valorizando não só as coisas construídas pelos homens na região, mas também valorizando as pessoas que contribuíram para a formação da cultura amapaense, como destaca Canto (2019, p. 81-82):

no Amapá foram criados alguns ícones dessa amapalidade. Desde o início do Território Federal o governador Janary Nunes já exaltava as qualidades do caboclo [...] O caboclo é muito cantado na literatura local [...] Verdadeiros panegíricos foram escritos para exaltar o caboclo.

Preservar os escritos literários seria algo de grande importância para que o discurso fundador eternizasse essa produção em potencial para as gerações futuras e assegurasse a formação de uma culturalidade amapaense vinculada aos valores nacionais. Então, para essa finalidade, Canto (2019, p. 143) explana:

Os autores sociais já estabelecidos e organizados no Amapá, no Governo de Janary Nunes, mesmo sabendo da incipiente produção literária local fundaram a Academia Amapaense de Letras, em cuja inauguração o Governador foi o principal orador.

Sabemos que o período histórico da ditadura militar motivou várias manifestações artísticas no Brasil. Não foi diferente no caso da literatura amapaense. Vários escritores produziram poemas para protestar contra o autoritarismo dos ditadores, e para se posicionar a favor da liberdade de expressão, como observa-se em Canto (2019, p. 213):

Ainda que a literatura da época fosse silenciada pela censura, os poetas como Isnard Lima, Odilardo Lima, Armando Sousa, Fernando de Medeiros, Osvaldo Simões, Francisco Souza (Galego), Benedito Monteiro (Binga), e outros faziam sua “resistência” política nos bares da cidade, recitando seus versos contra a ditadura e imprimindo textos poéticos em mimeógrafos. Era a forma encontrada para não travar embates violentos com a polícia, já que ela os prendia, às vezes por motivos fúteis. E ademais muitos jovens estudantes já vinham entendendo o que se passava no país, com “as visões se

clareando”, como dizia a música (censurada) do compositor Geraldo Vandré na época.

A literatura foi absorvendo, criando, divulgando, valorizando cada vez mais os símbolos culturais e sociais amapaenses, que foram sendo incorporados a esse termo. Assim, percebemos o quanto são importantes as personagens que contribuem até hoje para a identidade amapaense, e a literatura está envolvida nessa valorização, conforme descreve Canto (2019, p. 84-85):

O pescador, o barqueiro que singra a imensidão das águas do Amazonas sumindo em seus pequenos barcos o vai-e-vem das ilhas ao litoral e vice-versa, também são vistos como verdadeiros ícones da tradição amazônica; bem como os apanhadores de açaí, produto imprescindível na alimentação nativa; o garimpeiro, o vaqueiro, a dançadeira do Marabaixo, a parteira da floresta e a curandeira/benedeira, cuja valorização é a do trabalho exercido por elas no campo ou na cidade pelos seus atores sociais, na falta de profissionais especializados.

A literatura foi uma ferramenta utilizada para criar, identificar e divulgar a expressão “*amapalidade*”, termo utilizado como referência para tudo que pertence ao povo amapaense, com o intuito de que essa palavra fosse absorvida pela sociedade como algo que representasse os feitos dos antepassados, assim como os símbolos da região, os costumes, as crenças e o modo de viver, como descrito em Canto (2019, p. 77-78):

O termo amapalidade já vigorava no tempo do início do Território Federal do Amapá. No entanto, em 2003, o Governo Estadual voltou a usá-lo, objetivando com isso sustentar uma condição identitária que despertasse nos habitantes o reconhecimento formal das coisas amapaenses [...] O termo não pegou, mas ficou claramente instituído nas pessoas um compromisso com a memória e com a identidade local, espécie de reflexão tardia do valor das coisas realizadas pelos pioneiros do Amapá, pelos antepassados, dando a dimensão heroica que necessitava para reconstruir e promover essa moral cívica e memorial da terra, já que os museus dão pouca ênfase e vivem agônicos, funcionando à míngua.

Na maioria das pesquisas que fazemos sobre literatura amapaense lá está ela, a Fortaleza de São José de Macapá é muito citada como um entre os principais ícones representativos da tal *amapalidade*. De forma poetizada, a cidade de Macapá, capital do estado, é sempre enaltecida seja sua localização geográfica,

seja sua evolução urbana, entre outras coisas, em conformidade à descrição de Canto (2019, p. 85-86):

Outra referência dessa amapalidade é a cidade de Macapá, banhada pelo rio Amazonas, com suas ondas amareladas e rutilantes ao vento e ao sol do equador e com os seus monumentos no meio do mundo. Um radialista criou o *slogam* para ela, chamando-a de “cidade jóia da Amazônia”, considerando o brilho da paisagem noturna e a luz refletida em suas casas, praças e avenidas; jóia pelo contorno de luz que faz no entorno do seu maior ponto de referência à beira da baía: a Fortaleza de São José de Macapá. (CANTO, 2019, p. 85-86)

Um dos contribuintes para a literatura amapaense é José Sarney, que foi representante do Estado do Amapá como senador. Possui algumas publicações de livros de história do Amapá, entre outros escritos regionais. Macapá é uma de suas inspirações para produção de artigos, crônicas, entre outros, como apresenta Canto (2019, p. 86):

Não se pode negar a participação do ex-senador José Sarney na literatura amapaense, pois publicou alguns livros de história do Amapá e artigos e crônicas em jornais locais, como por exemplo [...] uma crônica sobre Macapá, no dia da comemoração do seu 254º aniversário, denominada Macapá: misto de força, ternura e bondade.

Mais um ícone dessa *amapalidade*, a culinária regional não poderia passar despercebida pela própria literatura amapaense. Ela faz parte dos costumes da população e cai no gosto dos que aqui chegam, seja como turistas, seja como novos moradores. Ela está nos escritos de autores de crônicas e poesias sobre a região. Unindo aquilo que pertence ao meio social, inclusive as linguagens populares, conforme acrescenta Canto (2019, p. 86-87):

Saborear o açaí e a bacaba com peixe ou com camarão no bafo também se constitui parte dessa amapalidade que envolve as relações sociais e a condição de pertencimento num lugar [...] Há ainda a fabricação de um tecido social invisível onde [...] paisagens, costumes e personagens são expressões literárias e popularmente ditas e ouvidas por meio de linguagens, imagens e leituras discursivas diversificadas como elementos que vêm caracterizar a identidade amapaense.

Até mesmo o contorno geográfico do Estado do Amapá, um losango no mapa, ganhou uma visão significativa e mítica. Para algumas culturas, como os povos da América Central, o losango representa e simboliza a figura feminina, a fertilidade, a

maternidade. Isso acabou gerando um despertar literário para valorizar e evidenciar a importância da mulher amapaense no processo de formação social e cultural. De acordo com Canto (2019, p. 93-94):

A configuração geográfica do Amapá se assemelha a um losango em pé [...] Considerando que o sexo feminino é maioria no Amapá (Idem: IBGE, 2010) e que elas expressam muito bem essa identidade que começa na floresta, com as índias, as caboclas e as ribeirinhas, as parteiras, as benzedeiros e pajés, as dançadeiras de Marabaixo e Batuque e a lenda amazônica das Amazonas, o Estado do Amapá pode ser visto dessa forma.

Além disso, o desenvolvimento urbanístico da cidade de Macapá, o Marco Zero do Equador e o rio Amazonas podem ser considerados ícones para a inspiração durante esse processo de evolução da produção da literatura amapaense, como assinala Canto (2019, p. 25):

Esses textos sobre a fortificação ensejam o início de uma produção literária e discursiva que viria a dar uma significação maior, principalmente após a criação do Território, onde Macapá se desenvolveria à sua sombra, como nos tempos de sua construção realizada pelo governo colonial. E ela se tornava, então, juntamente com o Marco Zero do Equador e o rio Amazonas os principais elementos icônicos da cidade e elementos constitutivos das identidades em formação, junto a um projeto político de Governo que implantaria um discurso ideológico de efeito profundo para mudar a tradição e o *modus vivendi* da população local.

O aniversário de 250 anos de criação de Macapá, em 2008, rendeu muitas manifestações de artistas carnavalescos locais em comemoração à data. Inclusive uma das mais famosas escolas de samba carioca, ganhou a disputa do carnaval do Rio de Janeiro, exibido em rede nacional de televisão, cantando um samba enredo inspirado na cidade. Assim escreve Canto (2019, p. 243-244) sobre o assunto:

Deve-se lembrar que o ano de 2008 foi marcado por muitas comemorações pelos 250 anos da fundação da vila de Macapá. Neste ano, Escolas de samba do grupo especial da cidade, como a Associação Universidade de Samba Boêmios do Lagunho e a Associação Recreativa Escola de Samba Piratas da Batucada fizeram seus enredos baseados nesse acontecimento [...] A Agremiação Carnavalesca Beija-Flor de Nilópolis apresentou e venceu o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro com o tema “Macapaba – Equinócio Solar: viagens fantásticas ao meio do mundo”, de autoria dos carnavalescos Laíla, Fran-Sérgio, Ubiratan

Silva e Alexandre Louzada [...] uma referência ao mito fundador dos índos Waiãpi [...] onde o herói Ianejar conduz seu povo em uma grande casa de barro chamada Mairi, em busca de um lugar para morar e para que se livrem dos estrangeiros brancos que os atormentavam. Até que um dia, após sucessivos cataclismos (um grande incêndio na floresta e um dilúvio), chegam às margens do grande paraná (o rio Amazonas).

Então, o ano de 2008, foi marcado por várias manifestações locais de amor à cidade de Macapá, que completava 250 anos de existência. As homenagens poéticas foram reforçadas pelas imagens dos ícones representativos da cidade, que os autores amapaenses tanto citaram e continuam usando em muitas de suas criações literárias. Desta forma, Canto (2019, p. 245-246) explana:

Por conta própria, poetas como Roberto Serra, que também é professor da rede estadual, exprimiram seus sentimentos poéticos de forma explosiva e nativista, e os divulgaram como postais impressos sobre a fotografia da fortaleza [...] Os escritores Joãozinho Gomes, Luli Rojanski de Almeida Júnior, entre outros, também se expressaram a forma poética e/ou ficcional sobre a FSJM, onde a questão da identidade se ressignifica em seus conceitos.

Devemos considerar a importância da Fortaleza de São José de Macapá para as inspirações poéticas, musicais, dos autores amapaenses na atualidade. Há autores que utilizam esse monumento histórico como principal tema de suas criações artísticas sobre a região na contemporaneidade. Sobre isso Canto (2019, p. 250-252) disserta que:

[...] Joãozinho Gomes costuma usar a FSJM como tema de seus trabalhos poéticos e musicais [...] Uma de suas músicas traz a experiência da substância poética da qual se alimenta [...] “Templo de pedra e sangue”, feita em parceria com o compositor amazônida Nelson Chaves [...] Almeida Júnior, autor de “Conversa na Sala”, um livro de contos, crônicas e poemas que trazem a projeção histórica da FSJM como tema basilar. Sua expressão literária sobre o monumento se resume a um passado histórico descritivo, transitando em estilo romântico.

Outro texto que traz um pouco da memória mais contemporânea de Macapá, é “Meninos de Julho”, publicado no livro *O Lugar da Chuva*, de autoria de Luli Rojanski. Nele a autora narra os momentos proveitosos de férias de escola dos garotos, que brincam na praia lamacenta, que se forma na frente da cidade, com a vazante do Rio Amazonas. A este aspecto Canto (2019, p. 254) acrescenta:

A escritora Luli Rojanski [...] Publicou em seu livro “O Lugar da Chuva” (*sic*) [...] Nele a autora vivifica as cenas movimentadas na praia de sedimentos da frente da cidade, que ocorrem quando a maré baixa. É término de férias escolares e ali, os meninos nem se quer percebem o que há de tão importante na FSJM. Eles soltam papagaios e correm quando a maré enche até se acenderem as luzes do trapiche, no seu dizer nostálgico. A narração de Luli Rojanski é um retrato da cidade, onde a diversão dos ribeirinhos que moram no entorno da fortificação faz parte de um cenário permanente entre ela e o rio.

O texto de Obdias Araújo, “O Roubo do Forte”, é uma ficção que utiliza cenários e personagens reais da sociedade amapaense. Pode-se dizer que há uma obra crítica neste poema sobre o que significou a construção da Fortaleza de São José de Macapá para uma parte da população local naquele período, conforme esclarece Canto (2019, p. 258-259):

todas as pessoas citadas no texto, bem como os lugares, existiram ou existem ainda [...] Este poema é interessante porque realiza uma mistura de personagens emblemáticas da cidade que participam de um roubo fantástico, em que arrastaram a FSJM pelo litoral até o local onde ela teria sido construída: o Curiaú, na imaginação do poeta. Suas referências memoriais apontam para uma realidade impossível, na narrativa de lugares e personagens reais da cidade, principalmente os do bairro do Laguinho. O enredo do poema parece se tratar de um resgate (que envolve vingança) de um objeto que não pertencia à cidade de Macapá, mas sim aos remanescentes dos escravos, cujos ancestrais participaram da construção da fortificação, pois a maioria deles são afrodescendentes e por isso viram-se no direito de arrancar a fortificação e levá-la até onde foi, de pleno direito, construída.

O Amapá, assim como os seus ícones geográficos e históricos que o representam, principalmente a cidade de Macapá, foram utilizados como inspiração e estão incluídos até mesmo em uma obra de romance, aventura e ficção, lançada no ano de 2008. Em relação a isso Canto (2019, p. 259-262) escreveu:

Em 2008, A Geração Editorial lançou o romance “O Conceito Zero”, de A.J. Barros, uma história de mistério, suspense e ação, que trata de uma intriga internacional para proclamar a independência da Amazônia [...] O texto é rico em informações históricas e geográficas, muitas das quais do Amapá, em que algumas personagens visitam a capital, Macapá, e inevitavelmente a FSJM [...] sobre a República do Cunani, a invasão dos franceses na localidade de Amapá e o episódio de Cabralzinho [...] Com um mapa do estado, fizeram algumas observações sobre o Oiapoque [...] narra que o táxi levou as

personagens para o Marco Zero do Equador, onde uma guia turística explicou o fenômeno do equinócio.

Sobre o poema de Fernando Canto “Dezenove de março: dois séculos rondam a Fortaleza de São José de Macapá”. Produzido em comemoração ao aniversário dos 200 anos da fundação da Fortaleza de São José de Macapá, temos as considerações do escritor em relação ao objeto de inspiração e aos significados de sua produção, como o próprio Canto (2019, p. 273-274) relata:

O texto, indubitavelmente, carrega um teor ideológico que produz, mesmo de forma poética, o discurso heroico e épico sobre o monumento, cujo aniversário de fundação serviu como oportunidade para a disseminação patriótica do Brasil da época [...] exercia minhas funções no então Departamento de Turismo da Secretaria de Planejamento e Coordenação do Governo do Território Federal do Amapá, que coordenou o evento [...] independentemente de certa vigilância ideológica, feita de forma velada pelos chefes do Departamento, não me furtei de abordar as dificuldades que obstaculizaram a construção da obra [...] Deixei presente no texto o sentido da soberania nacional, tão propugnado nesse período pela ditadura militar. A gratidão aos “heróis” e a preservação da obra foi a preocupação poética por mim idealizada. A muralha do forte para mim simbolizava a solidez da esperança num futuro melhor, quando a história dos homens e mulheres obtivesse novos rumos e pudesse modificar o país, com ampla liberdade de pensamento.

Por fim, observa-se que Fernando Canto se mostra como um grande contribuinte com a produção poética amapaense. Em sua tese cita algumas de suas publicações em homenagem a cidade de Macapá, além de evidenciar também a mitologia popular regional, em obras como *Os Periquitos Comem Mangas na Avenida* (1984), onde retrata o imaginário popular desde tempos remotos.

1.2. A imprensa como veículo de divulgação: O *Jornal Amapá*

A imprensa no Amapá tornou-se o principal veículo de informação da população, no ano de 1945. Isso despertou o interesse nacionalista do governo em atuação na época, que a utilizou como meio de propagar os feitos políticos para o desenvolvimento da região, como registrado em Caldas & Souza (2018, p. 207):

No caso específico do Amapá, a partir de 1945, o jornal impresso firmou-se como o principal meio de comunicação de massa – aspecto que não passou despercebido aos governantes, que o utilizavam para veicular discursos, mensagens e notícias oficiais como instrumento de propaganda das gestões político-

administrativas [...] funcionou também como uma espécie de porta-voz do Governo do Amapá. Em sua linha editorial, proclama incessantemente o ideal de um Amapá que na longínqua Amazônia se preparava para ser “grandioso”. Desse modo, passam a surgir os primeiros discursos que se revelam como uma estratégia política para a construção das identidades amapaenses.

O Amapá tem em seu histórico inaugural de imprensa o Jornal *Pinsonia*, nome dado em referência ao navegador espanhol Vincente Yánes Pinzón que, em 1500, chegou até a desembocadura do Rio Amazonas. Suas impressões eram feitas em Belém e só passou a ser impresso em Macapá após a chegada de maquinários de imprensa alemães. Durante seu pouco tempo de existência, o *Pinsonia* destacou assuntos relacionados tipicamente internos da região, a cidade de Macapá principalmente, conforme apontados por Caldas & Souza (2018, p. 208):

O primeiro jornal a circular no Amapá foi o *Pinsonia*, ainda em 1895, por iniciativa de Joaquim Francisco de Mendonça Junior e de José Antonio de Siqueira [...] era impresso no formato tabloide, com circulação semanal. Ressalte-se que suas primeiras edições não foram feitas no Amapá, mas em Belém. Em 1897, chegam a Macapá máquinas alemãs para a impressão do referido jornal, que dois anos depois pararia de circular [...] evidenciou a própria região amazônica e as questões relacionadas à cidade de Macapá. Desse modo, os textos de cunho regional e local vão aos poucos ocupando espaço naquele jornal e os assuntos de natureza endógena tornam-se mais relevantes.

No ano de 1945, propaga-se pela região o *Jornal Amapá*¹, que passa a ser o primeiro lugar entre os meios de informação impressa da região, o mais procurado e o mais lido pela comunidade amapaense da época, de acordo com Caldas & Souza (2018, p. 208) que discorrem:

começou a circular em 19 de março de 1945, com um lançamento festivo, que coincidiu com o dia nacional da imprensa oficial e o dia do santo padroeiro da cidade de Macapá, São José. Tal publicação constituiu-se basicamente como um informativo do governo do Território Federal do Amapá, após sua criação em 1943, mas também servia para divulgar notícias do cotidiano amapaense, com maior destaque para a capital, Macapá [...] foi, durante o período de 1945 a 1968, a principal mídia impressa do Amapá [...] refletia a orientação política do governo, o referido jornal pode ser caracterizado como um periódico de temática livre, com, assuntos

¹ O acervo do *Jornal Amapá* está guardado na seção de obras raras da Biblioteca Pública Elcy Lacerda, localizada no centro da cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá.

diversificados, apresentando conteúdos informativos, notícias, opiniões e análises, anúncios e propagandas.

Precisamos afirmar aqui a relevância e importância do *Jornal Amapá* para o governo atuante, pois era tido como um dos meios de comunicação mais eficaz como propaganda política e econômica, mas também serviu como arma para a literatura evidenciar as identidades do povo amapaense, que ganhava cada vez mais um maior número de leitores, conforme explanam Caldas & Souza (2018, p. 208-209):

o *Jornal Amapá* já se anunciava como um mecanismo, não apenas de difusão dos programas do primeiro governo do recém-criado Território Federal do Amapá, mas também como um espaço de divulgação e afirmação das identidades amapaenses [...] era comum em quase todas as edições, discursos elogiosos ao Amapá feitos por figuras públicas, especialmente políticos, militares e jornalistas que visitam pela primeira vez o Território Federal do Amapá [...] Assim, é interessante verificar que, se por um lado o *Jornal do Amapá* enfatizava mais as notícias sobre a “prosperidade” que vinha acontecendo no novo território federal, por outro, tornou-se o veículo de comunicação mais eficiente da época, que aos poucos foi ganhando maior penetração na comunidade amapaense, principalmente quando aumentou o número de alfabetizados – condição em que o jornal passa a ser mais lido(consumido).

Para os estudiosos já mencionados, é importante que o pesquisador da literatura amapaense considere as relações que ela manteve, em cada momento de sua produção com os períodos históricos da política no Amapá, incluindo o momento em que o *Jornal Amapá* circulava. Então Caldas & Souza (2018, p. 216) acrescentam:

Para uma revisão minimamente aceitável e honesta da história literária do Amapá, é preciso estar atento a alguns sinais [...] Um deles é a vinculação entre os períodos políticos do espaço amapaense e sua respectiva produção literária. Neste caso, deve-se chamar atenção para a contribuição que as Letras amapaenses promovem quanto à interpretação do seu próprio tempo, não apenas do ponto de vista estético, mas também político, econômico e cultural, considerando o contexto amapaense enquanto Território Federal. Outro ponto importante a ser considerado no corpus desta pesquisa no *Jornal Amapá*, entre os anos 40 e 60 do século XX, é a presença marcante de escritores que se tornam funcionários públicos no Amapá, o que, de alguma maneira, interferiu na linha ideológica da produção literária de alguns escritores daquele período. Vale a pena investigar os limites da expressão artística no Território Federal

do Amapá, levando em conta que alguns escritores desse período exerceram cargos importantes na política e no jornalismo amapaense. Por outro lado, emerge a discussão sobre o poder estético da literatura, mesmo num contexto preparatório para a ditadura militar no país (anos pré-1968), ou mesmo no segundo governo de Getúlio Vargas (anos 1940), quem determina o primeiro governador do Território Federal do Amapá, o militar Janari Gentil Nunes. Enfim, dentro desse contexto, investir no debate a partir das relações entre estética (literatura) e política parece ser um caminho viável para uma interpretação sobre a história literária do Amapá.

O *Jornal Amapá* foi o meio de comunicação mais duradouro do então Território Federal e de grande importância para se fazer conhecer o Amapá dentro e fora da região Norte. Com isso, podia ser notada uma valorização daquilo que é regional, incluindo a utilização de uma linguagem que daria possibilidades para o entendimento por parte da massa popular, como argumentam Caldas & Souza (2018, p. 206):

O *Jornal Amapá* foi o periódico que atingiu mais longa duração na fase de território federal (1943-1988). Foram 1479 edições entre os anos de 1945 a 1968 [...] predominava o texto informativo, o opinativo e o de entretenimento [...] do ponto de vista da informação, ele foi responsável por uma maior divulgação do Amapá tanto no cenário regional quanto no nacional [...] trazendo à tona, pelo recurso da memória, temas importantes (como político-social) para uma discussão mais ampla da sociedade e posicionando o jornal em relação ao que acontece na cidade, na região e no país [...] Do ponto de vista da linguagem jornalística do período territorial, pode-se dizer que os discursos sobre o Amapá caracterizam-se por apresentar uma linguagem regional [...] Assim, os discursos sobre o Amapá destacam, nas páginas do *Jornal Amapá*, a busca por uma legitimidade de determinado olhar com seus desdobramentos os quais dão a conhecer uma região que vivenciou um processo histórico que lhe é próprio [...] Esses discursos regionalistas inscrevem o Amapá na construção de sua própria memória.

Partindo da ideia dos escritores que estavam chegando ao Amapá para tomar posse de cargos públicos, em 1950, durante o período territorial amapaense, o *Jornal Amapá* começou a ser utilizado como meio de divulgação das produções literárias feitas na região, de acordo com Caldas & Souza (2018, p. 205):

O *Jornal Amapá* passou a veicular, a partir das edições de 1950, uma seção cultural onde divulgava as produções literárias amapaenses por iniciativa dos recém-chegados escritores que vieram prestar serviço como servidores públicos do Território Federal do Amapá. Trata-se de uma das seções mais regulares do jornal, considerada de vanguarda na divulgação das primeiras expressões

literárias amapaenses, visto que, na época, era o principal e mais eficiente meio de divulgação da produção daqueles escritores. A seção normalmente se localizava na terceira página do jornal.

No *Jornal Amapá*, esses escritores traziam muito sobre as tradições em contraste com a modernidade futurista de uma cidade em desenvolvimento. Assim, pode-se dizer que a literatura contribuiu muito para a preservação da memória do antes e depois da capital amapaense, como podemos concluir com a citação dos estudiosos Caldas & Souza (2018, p. 211):

Esse sentimento ufanista, sempre ele, transmite a percepção de duas realidades: uma tradicional, que expressa um conjunto de valores culturais coletivos relativos ao meio ambiente que, mesmo diante das mudanças do mundo moderno, a comunidade procura resguardar esses valores adquiridos ao longo do tempo [...] A outra realidade apresentada é a visão do autor diante de uma cidade cuja transformação paisagística foi tão rápida. Assim, passam pelos olhos novas imagens que se tornarão suportes para novas memórias (sempre em movimento) [...] a relação estabelecida entre a literatura e a memória é possibilitada pelo jogo de lembranças e esquecimento, através do qual os aspectos positivos de certa comunidade devem ser exaltados e sempre lembrados, enquanto as falhas e desacertos nunca são mencionados nunca texto que se quer memorial e definitivo [...] trazem em suas memórias um reconhecimento do presente e a valorização do passado. Enxergam na cidade de Macapá dos “bons tempos” (o passado) com especificidades que tornam aquele espaço particular, mas que se constituem coletivos pela socialização de suas obras literárias e pelos sentimentos de identificação que são criados e reforçados com tais obras.

1.3. As manifestações de poetas amapaenses

Podemos perceber que a poesia produzida no Amapá não é tão valorizada e tampouco é motivo de interesse se referindo à área de pesquisa científica. Isso fez com que alguns poetas se unissem para promover uma maior divulgação da poesia regional amapaense, dando espaço inclusive a poetas amadores e anônimos. Esse evento foi nomeado como “*Poesia na Boca da Noite*”. Como podemos observar em Picanço, Cabral, Santos, Pena, Carmo, Chucre (2011, n.p.):

sabe-se que a poesia amapaense é pouco valorizada no Estado do Amapá [...] poetas e amantes da poesia, uniram-se para promover declamações casuais de poemas nas praças e calçadas de suas casas, com o intuito de incentivar e descobrir novas pérolas da Literatura Amapaense [...] Poesia na Boca da Noite começou em

janeiro de 2011 e surgiu com intuito de retirar qualquer tipo de “amarra” na forma de fazer e declamar poemas.

Nesse mesmo evento, os participantes podiam agir como se estivessem em um teatro, onde eram expostos vários poemas em forma de declamação. Com isso, ao fim de cada ano, os organizadores do projeto pretendiam unir os poemas desses poetas desconhecidos para publicação. Assim, de acordo com Picanço, Cabral, Santos, Pena, Carmo, Chucre (2011, n.p.):

As declamações têm um quê de encenação teatral, com os presentes, um a um, declamando poemas dos mais variados autores, nacionais, internacionais, regionais, bem como poemas escritos pelos próprios participantes [...] O objetivo do projeto é publicar no final do ano corrente, uma coletânea de poemas de autoria dos poetas desconhecidos do grande público.

Esse projeto foi iniciado pela poeta Alcinéia Cavalcante, em parceria com Rostan Martins, Glória Araújo e Osvaldo Simões. Todos procurando os valores culturais poéticos do Estado. Começou com poucos participantes. Porém, com as divulgações foi aumentando e a cada evento apareciam novos integrantes. Tudo isso, devido à liberdade que os idealizadores davam aos iniciantes em apresentar seus poemas de uma forma que se sentissem à vontade, como explicitam Picanço, Cabral, Santos, Pena, Carmo, Chucre (2011, n.p.):

Assim, o desafio para execução desse projeto se faz presente, uma vez que cabe ao leitor salvaguardar e cultivar a cultura do seu estado, em especial a literatura amapaense [...] o movimento foi idealizado pela poeta Alcinéia Cavalcante, juntamente com o professor Rostan Martins, Glória Araújo e Osvaldo Simões [...] No início eram apenas quatro os únicos participantes dos encontros para as declamações. A partir de convites informais a amigos, o público começou a crescer [...] Ninguém é obrigado a declamar e o faz quando se sentir à vontade para tal. Assim forma-se um ambiente favorável para que os iniciantes ou simplesmente menos conhecidos poetas, mostrem seus escritos e dividam-nos em belas declamações.

Paulo Tarso Silva Barros é mais um representante da cultura amapaense. Interessado em literatura, divulga a poesia regional no *blog Literatura no Amapá*. Influenciado por poetas brasileiros e de fora do Brasil, tem uma forma peculiar de pensar na relação do autor com o leitor. Além disso, tornou-se crítico ao se referir às barreiras enfrentadas para divulgação da poesia no Amapá, já que ele continua

produzindo sem receber retorno financeiro, mas com intuito de propagar a poesia amapaense. Nota-se que as editoras não manifestam interesse nas produções locais, pois se publica muito pouco. Por exemplo, por ano são lançados de doze a treze livros. Muitos escritores reclamam, pois além do número pequeno de publicações, há pouco espaço para a poesia. (Picanço, Cabral, Santos, Pena, Carmo, Chucre 2011).

2 As Aventuras Poéticas

Neste capítulo se analisará a obra *Aventuras Poéticas*, foco desta pesquisa. O livro reúne vários poemas com diferentes temáticas, onde o autor faz uso de verbos no infinitivo para tematizar e tornar bem mais fortes os meios de se pronunciar os títulos de seus poemas, como “Atuar”, “Arrastar”, “Olhar”, etc. Além disso, o autor também faz uso de metáforas para se referir a suas crenças e opiniões transmitindo sua essência e suas inspirações, através de sua criatividade e bom humor. Tudo isso com o intuito de despertar a imaginação em seus leitores.

Muitos dos poemas que compõem esta obra apresentam diversas menções sobre a capital amapaense, Macapá, local em que Palhano vive e que apresenta vários aspectos regionais da Amazônia e que estão presentes em nosso dia-a-dia. Pode-se dizer que *Aventuras Poéticas* apresenta todas as características que a torna uma obra literária amapaense.

Ao se fazer uma análise mais aprofundada sobre a obra de Palhano, percebemos a presença de elementos românticos em alguns de seus poemas. Então, ainda neste capítulo, traremos as informações necessárias para se entender do que trata o Romantismo, e as características que o definem. Partindo disto, identificaremos tais elementos em seus poemas.

2.1. As representatividades amapaenses em *Aventuras Poéticas*

Agora faremos uma breve análise sobre alguns poemas do livro *Aventuras Poéticas*, para uma melhor percepção de como Palhano descreve a sociedade, cultura etc, de Macapá, principalmente.

No poema de título “Nau’fragar”, o autor brinca poeticamente com a pronúncia do nome da cidade, capital do Estado do Amapá, Macapá. Isso é

perceptível não só pelo uso fonético propriamente dito, mas também pelo fascínio que o autor demonstra pela cidade em que vive, como podemos observar em Palhano (2014, p. 49):

Amar'capá
 Macap'amar
 Prac'am'amar
 M'amar pra cá
 Quebr'amar
 Carr'amar
 Em'barcar
 Mar pra cá
 Mar pra lá
 No amar...
 Ir... Voltar...
 Copo'lar
 D'eleitar
 S'entregar
 Nau'fragar...

Em outro poema da obra, “Peixe”, o poeta usa o peixe como personagem. A pesca e as feiras de pescados são algumas das atividades econômicas do Estado do Amapá. Fartura que se encontra disponível em nossos rios e mar, conforme descreve Palhano (2014, p. 57) em seu poema:

Vivo...
 Olha-me o peixe
 Com olhos brilhantes...!
 Morto...
 Olha-me o peixe
 Sem olhos nos olhos...!

Mais uma vez, o autor exalta a natureza regional amapaense, a abundância hídrica que Estado do Amapá possui, comparando ao Nordeste brasileiro, de onde veio, sem muitos recursos em água, em contraste com a vastidão dos rios da Amazônia. Estes aspectos estão no poema “Desti(nada)mente”.

No Nordeste,
 Eu tinha canoa
 E não tinha rio.
 No Norte,
 Eu tenho rio
 Mas não tenho canoa. (PALHANO, 2014, p. 71)

Chegando ao poema “Açaí com Mini Saia”, percebe-se mais uma aparição escrita da cultura culinária do norte, onde o consumo do açaí com tapioca é tradição regional, como registrado em Palhano (2014, p. 81):

Cotemplar!
 Mini saia
 D'Assunção
 Na salinha.
 Consumir!
 Açaí com
 Tapioca
 À tardinha...!

Mais adiante, no poema “Embrapa na Amazontech”, uma vez mais vemos a cultura amapaense se manifestar nas inspirações do poeta, expressando as maravilhas de produtos alimentícios típicos da nossa região amazônica, como consta em Palhano (2014, p. 117):

Feira n'Amazônia
 É a Amazontech
 Gira, gira girassol
 Arroz, arrozina
 Milho, milharina
 Maracujá, açaí,
 Pupunha, capim
 Seja sempre, soja serena
 A Embrapa no salão
 Participe, venha ver
 Crotaláriaochroleuca
 Mandioca, algodão
 Sorgo, feijão caupi
 Vitrine ecológica
 É uma fortaleza
 Plantação uma beleza
 A Embrapa e a natureza
 Todos ficam encantados
 Numa admiração
 Tenho milheto e banana
 E também tem o feijão
 É tecnologia
 Da Embrapa, meu irmão!

Romualdo traz no poema “Outro Lado” a percepção da grandiosidade do Rio Amazonas, que também banha a região de Macapá.

O outro
 Lado da vida

É do outro lado
Do rio Amazonas. (PALHANO. 2014, p. 145)

No poema a seguir, intitulado “Linha do Equador” podemos perceber mais uma visão exposta nessa poesia de Palhano, sobre a Linha do Equador. Macapá, a capital do Estado do Amapá é a única cortada por essa linha imaginária, que divide o hemisfério norte e hemisfério sul do globo terrestre. Assim descreve Palhano (2014, p. 163):

A patinha...
Passou sobre a linha
E gritou: Quá! Quá! Quá!
Os patinhos a apelidaram:
De linha do É...é...? Quá...! Quá...! Dor...!

E por isso está aí!
Ela nos orienta na terra
A nossa linha querida
E os animais no ar,
A pata e a patativa...!

Mais uma vez, no poema “Amazonas”, Palhano contempla o Rio Amazonas, que como já foi mencionado anteriormente, banha a região amapaense.

Quando um dia
Eu estiver grande
E esse rio ainda
Estiver aqui...
Voltarei para esse futuro
E na sensação
De grande mergulho,
Minh'alma
Hei! De encontrá-la aqui...! (PALHANO, 2014, p. 165)

No poema “Amapá”, o poeta utiliza a palavra *Amapá*, nome do estado, para compor a poética desse texto em seu livro. O Amapá sempre inspirando Palhano (2014, p. 167) para poetizar:

Amapá
Marabá
Macapá
Saravá
Tacacá
Taperebá
Tracajá
Vatapá.

Em “Macapá/ Caiena”, Palhano cria no leitor a curiosidade em se descobrir essa rotina de muitos amapaenses. As idas e vindas de pessoas que vivem em trânsito entre a Guiana Francesa e a capital amapaense.

Macapá
Cayenne
Caiena
Macapá
Un vien
L'autre va. (PALHANO, 2014, p. 185)

2.2. O Romantismo e alguns dos aspectos românticos em Aventuras Poéticas

O Movimento romântico pode ser considerado como um momento de revolução de ideias do século XIX, onde se expunham ardentemente os problemas políticos e sociais. Com isso, procurou-se uma diferente maneira de percepção sobre vários aspectos, conforme explana Bosi (2015, p. 94):

o Romantismo expressa os sentimentos dos *descontentes* com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a pequena burguesia que ainda não subiu: de onde, as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento [...] O Brasil, egresso do puro colonialismo, mantém as colunas do poder agrário: o latifúndio, o escravismo, a economia de exportação. E segue a rota da monarquia conservadora após um breve surto de erupções republicanas, amiudadas durante a Regência.

Mesmo sendo o Romantismo um movimento iniciado com a ascensão da burguesia no século XIX, podemos perceber que seus objetivos ainda se fazem presentes nos tempos atuais. As manifestações literárias desse período servem de inspiração para autores contemporâneos. Mesmo que nos tempos hodiernos a linguagem empregada seja diferente daquela do passado, o ser humano da atualidade ainda carrega consigo as mesmas ansiedades, assim expressa seus desejos de combater o que se considera injusto diante da sociedade, conforme descreve Moisés (1984, p. 3):

o Romantismo constitui profunda e vasta revolução cultural cujos efeitos não cessaram até os nossos dias. Além das Letras e das Artes, o conhecimento científico, filosófico e religioso sofreu um impacto que ainda repercute na crise permanente da cultura moderna.

Como cada movimento literário exigiu o uso de linguagens próprias de sua época, o Romantismo buscou expressar sua arte de acordo com as exigências de

seu período. Isso também se faz necessário nos tempos em que vivemos, onde os autores contemporâneos fazem o uso de uma linguagem típica da realidade e sociedade em que vivem e sobre a qual se expressam, como observa-se em Bosi (2015, p. 98-99):

A poesia, o romance e o teatro passam a existir no momento em que as ideias e os sentimentos de um grupo tomam a forma de composições, arranjos intencionais de signos, estruturas ou ainda [...] no momento em que os assuntos viram *obras* [...] mudado o polo da nossa inteligência de Coimbra para Paris ou Londres, não era mais possível pensar e escrever dentro do universo estanque de uma linguagem ainda setecentista, ainda colonial.

Assim como em outros movimentos literários, no Romantismo podemos perceber as características que estão presentes na arte dos autores que se tornaram ícones importantes na representação desse período da literatura em questão. Com o intuito de melhor expressar a forma com que veem o mundo onde vivemos, esses artistas cultuaram o desapego ao clássico, causando sua queda e provocando a ascensão de novas formas de expressão, como o uso do subjetivismo, da idealização, da fusão do grotesco e do sublime, do sentimentalismo, do egocentrismo, do medievalismo, do indianismo, da religiosidade, do byronismo e do condoreirismo, como sugere Bosi (2015, p. 99):

Na França, a partir de 1820, e na Alemanha e na Inglaterra, desde os fins do século XVIII, uma nova escritura substituiu os códigos clássicos em nome da liberdade criadora do sujeito [...] Caiu primeiro a mitologia grega [...] e caiu aos golpes do medievismo católico [...] foi-se também o paisagismo árcaico que cedeu lugar ao pitoresco e à cor local [...] desterra formas líricas ossificadas e faz renascer a balada e a canção, em detrimento do soneto e da ode; [...] escolhe o *poema* sem cortes fixos, que termina onde cessa a inspiração (Byron, Lamartine, Vigny). A epopeia, expressão heroica já em crise no século XVIII, é substituída pelo poema político e pelo romance histórico [...] No teatro, espelho fiel dos abalos ideológicos, as mudanças não seriam menos radicais: afrouxada a distinção de tragédia e comédia, cria-se o *drama*, fusão de sublime e grotesco, que aspira a reproduzir o encanto das paixões individuais contido pelos *bienséances* clássicas.

A literatura romântica brasileira é representada por três gerações de autores, cada geração apresenta algumas das características do Romantismo que podemos visualizar e mencionar em algumas linhas anteriormente. Sobre o primeiro momento, como Moisés (1984, p. 26-27) prefere nomear, temos as seguintes informações:

O primeiro momento do nosso Romantismo desenvolve-se aproximadamente entre 1836, quando se instala a moda romântica, e 1853 [...] Escassos dezessete anos dura, portanto, a primeira metamorfose ou geração romântica. Precedida pelas mudanças sócio-econômico-culturais levadas a efeito com a transladação da Corte de D. João VI para o Rio de Janeiro, nem por isso se libertou completamente das impregnações coloniais. Apesar de “patriótica” [...] trata-se de uma geração ainda “européia” ou “europeizante”, pois continua a nortear-se pelos padrões culturais da Europa, notadamente França e Portugal [...] seus integrantes ainda procuram a Europa a fim de realizar seus estudos [...] Corrobora tal sujeição aos modelos europeus a persistência de vestígios clássicos, especialmente na poesia dos introdutores da moda romântica entre nós, e as notações lusitanizantes [...] em que pese à tendência para o antilusismo, como reflexo da xenofobia desencadeada pela Independência [...] o brasileirismo revestia-se de roupagem ainda lusitana ou francesa. É certo que já se nota acentuada tendência para abasileirar a linguagem e os temas [...] Durante o primeiro momento romântico, cultiva-se a poesia, dá-se o aparecimento da prosa de ficção e acelera-se a atividade teatral, de certo modo inaugurando a era não comprometida de nossa dramaturgia.

Na poesia da primeira geração romântica ou primeiro momento romântico, predominaram produções poéticas de cunho nacionalista, indianista e religioso. Moisés (1984, p. 27-28) dá maior destaque aos temas que exaltavam o índio como figura heroica importante para se conseguir o resgate da cultura propriamente brasileira:

Período de transição, o primeiro momento romântico presenciou a instauração de padrões novos de cultura e a continuidade dos velhos, que teimavam em persistir [...] manifestam a dualidade inerente a esses anos em que o novo estilo de cultura se enraiza: acusam vestígios neoclássicos de par com novidades temáticas, como a poesia da saudade, a poesia noturna, a poesia americanista. Sonham com uma epopéia indianista, que exaltasse o aborígine ou a América, sem perceber que, insistindo na elaboração de poemas heróicos, estavam empregando utensílios inadequados à época e ao tema [...] ao indígena caberia tão-somente a glorificação por meio do romance ou do poema lírico. De modo que, ainda nesse pormenor, traíam o ideal clássico duma arte de bronze que, enaltecendo os heróis ameríndios, resistisse ao desgaste do tempo [...] o lirismo amoroso, livre das faixas arcádicas, pode agora, identificado com próprio Romantismo, motivar altos vãos da sensibilidade e da imaginação.

Junto a Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias é reconhecido como o principal representante do grupo que compõe a primeira geração romântica.

Conhecido por seus temas profundos de inspiração indianista ou nacionalista, conforme Moisés (1984, p. 37, 40-41):

o indianismo de Gonçalves Dias respira ambiente medievalizante, ainda presente na poesia amorosa, caracterizada pelo lirismo em feminino. Passividade, subserviência à mulher amada, amor-melancolia, amor-desespero, amor-desilusão, amor-de-perdição constituem as tônicas da poesia trovadoresca e do lirismo amoroso de Gonçalves Dias [...] Amor-melancolia, imagem da acídia real e imaginária que acompanhou o poeta ao longo da vida, completa o ciclo nos poemas de inspiração religiosa (“O meu sepulcro”, de *Últimos Cantos*) [...] noturna (“A Noite”, de *Segundos Cantos*) [...] e, sobretudo nos de tema medieval (*As Sextilhas de Frei Antão*) [...] os temas amoroso, indianista e saudosista predominam sobre os demais.

Sobre a segunda geração ou segundo momento do Romantismo, Moisés (1984, p. 135-136) discorre da seguinte maneira:

O segundo momento de nosso Romantismo desenrola-se mais ou menos entre 1853, quando Álvares de Azevedo publica *Obras Poéticas* e Laurindo Rabelo, *Trovas*, e 1870, quando Castro Alves dá a lume *Espumas Flutuantes*. [...] Ao longo desse período, cultiva-se a poesia e a prosa de ficção, quer segundo os modelos novos, quer segundo o figurino em voga na geração precedente.

Na poesia eram evidenciados os temas inspirados pelo “mal do século”, egocentrismo, pessimismo, atração pela morte e até mesmo inspirações satânicas. É também conhecida como geração byroniana, por que seguiam o estilo de vida do inglês Lord Byron, conhecido pelos escândalos que se envolvia, por não seguir regras sociais, exagero na bebida e na boêmia, como descreve Moisés (1984, p. 138-139):

Nos cemitérios ou nas repúblicas [...] A boêmia acadêmica encontrava pois, nas aventuras reais e imaginárias de Byron [...] O poeta inglês, como se sabe, tornara sua imagem, onde se misturavam traços de Satã, D. Juan e Fausto, o modelo da juventude liberal européia entre 1815 e 1830, de modo geral caracterizado [...] melancolia que evolui as mais das vezes para o desespero, tédio de viver; é o ‘mal do século’ [...] egocentrismo que leva ao narcisismo, o desprezo da sociedade e da Humanidade que faz os poetas buscar a solidão [...] Recebido entre nós na década de 40, o ideal byroniano manteve-se basicamente o mesmo: Álvares de Azevedo e seus companheiros trocam os motivos “ingênuos” em moda no período anterior pelo tédio, a desesperação e o satanismo. Substituem o amor-medo, feminóide, pelo amor doentio, vicioso, fruto de neuroses ou de “paraísos artificiais”; transformam a melancolia em visão da morte, ao mesmo tempo desejada e temida; procuram evadir-se do “mal do século” pela deserção da vida [...] “malditos”, encarnam o

próprio dilema romântico [...] Geração do tédio e da angústia cósmica.

Álvares de Azevedo é considerado o principal poeta representativo da segunda geração romântica brasileira. Sobre ele, temos as seguintes considerações de Moisés (1984, p. 149-150):

Em suma: conquanto filiado ao byronismo, a ponto de haver sido seu mais alto representante entre nós, o melhor da poesia de Álvares de Azevedo não se inscreve nessa linguagem. As composições ortodoxamente byroniana, pela exaltação da boêmia sem freio, a louca alegria de viver à Epicuro o momento que passa, são, quando muito, *comemorativas*, ou seja, seus bem recortados versos destinam-se a registrar, monocordicamente, as extravagâncias referidas a Byron. Não fosse o caráter livresco, remetendo-as para o passado, teríamos simples poesia de circunstância, em torno da mocidade acadêmica de meados do século XIX em S. Paulo.

O terceiro momento ou terceira geração do romantismo brasileiro ou ainda conhecido como grupo condoreiro. Sobre essa geração, Moisés (1984, p. 220-221) discorre da seguinte maneira:

O terceiro momento romântico transcorre, aproximadamente entre 1870, quando se publicam as *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves, e 1881, quando vem a lume *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo [...] correspondente a profundas mudanças na realidade nacional [...] cujo epicentro será a proclamação da República, em 1889 [...] Não cessavam nesse acontecimento os eventos antimonárquicos.

Os autores do terceiro momento desenvolviam uma poesia de caráter político e social. Moisés (1984, p. 223-224) nos traz suas considerações sobre isso:

diversificava-se por várias correntes, centradas no lirismo social de inspiração hugoana [...] A questão dos escravos e a Guerra do Paraguai constituem os motivos históricos imediatos, convidando para uma poesia exaltada, patriótica, não raro retórica, em que o “eu” individual transborda em emoção coletiva ou encontra no “outro” o prolongamento totênico de suas matrizes. Antiegocêntrico na aparência, anti-sentimental por decorrência, sensualista em razão de repudiar a hipocrisia romântica em favor da fraqueza “republicana”, o condor substitui o sabiá e passa a representar os anseios de uma visão olímpica do mundo [...] propõe-se a espelhar os fatos contemporâneos e mais característicos da realidade nacional. Um patriotismo consciente, impregnado de lucidez política [...] a poesia social, a metafísica e a folclórica semelham buscar a construção de uma mitologia nacional.

Castro Alves torna-se o principal representante do grupo condoreiro. Sobre ele Moisés (1984, p. 226) traz as seguintes informações:

o exame de sua trajetória não poderá efetuar-se pela ordem de publicação, mas de produção. Assim, a primeira fase, desenvolvida mais ou menos entre 1863 e 1869, portanto entre as primícias e o retorno à Bahia, é marcada pela poesia abolicionista, social, e a segunda, pelo lirismo amoroso [...] sua poesia social é fruto de um momento histórico, que perduraria mais de vinte anos na consciência atribulada da Nação.

Ao fazer uma leitura mais aprofundada dos poemas de Palhano, em *Aventuras Poéticas*, podemos perceber algumas características presentes em escritos de poetas do período do Romantismo. Características estas que se tornaram evidentes nas poesias da Segunda Geração do Romantismo no Brasil. Como veremos a seguir.

Um dos temas muito presente em poesias da segunda geração romântica brasileira é a morte. Para os autores dessa geração, nela estaria a solução e libertação de todos os sofrimentos humanos. Assim, como podemos verificar no poema “Morte”, como o próprio título do poema pode nos dar uma ideia do que se trata.

- A morte vem lhe buscar?
 - Não vem...!
 - Ela nasce com você.
 - A morte nasce com a vida,
 Quando a vida se acaba...
 A morte também morre...! (PALHANO, 2014, p. 19)

Ainda se referindo à mesma característica de poetas da segunda geração do Romantismo brasileiro, além da morte, no poema “Versos Fúnebres”, o autor se refere a uma vida descuidada, sem regras e o uso de entorpecentes, para fugir da realidade. O poema está em Palhano (2014, p. 187):

A morte me cerca
 A todo momento,
 Transforma-me
 Em dependente químico!
 Em hipocondríaco!
 Ela me domestica,
 Me faz de cavalo manso,
 Me deixa tranquilo,

Quietos...! Sossegados...!
 Busca a desintegração
 Do meu núcleo atômico,
 Estocástico e aleatório
 E a asma me escreve
 Versos fúnebres:
 Brometo de hipratrópio
 Bromidrato de fenoterol
 Budesonida estéril
 Fumarato de formoterol
 Furoato de mometasona...!

Para os poetas da segunda geração romântica brasileira, era necessário encontrar uma fuga da realidade, dos problemas. Eles buscavam na bebida, na vida noturna, esquecer-se das regras sociais. Palhano nos mostra em alguns de seus poemas, que essa fuga ele encontra no teatro. Podemos perceber isso nos poemas “Teatro”, “Vidarte”, “Em Cena”, “Society” e “Atuar”.

Entre todas as coisas,
 Entre todas as artes...
 O teatro me fascina...!
 Ao invés de dizer: - TE AMO,
 -Eu digo: - TE ATRO (PALHANO, 2014, p.41)

Quem nasce na arte...
 Na arte há de ficar!
 Arte é ficção...
 Vida é pra se lascar! (PALHANO, 2014, p.47)

No teatro,
 Quem atua,
 Transforma
 Choro em riso
 Guerra em paz
 O mal em bem
 Ódio em amor
 Azar em sorte
 Morte em vida
 O longe no perto
 Trevas no paraíso
 Tristeza em alegria
 Alegria em felicidade
 Egoísmo em Altruísmo. (PALHANO, 2014, p.91)

Sociedade...
 Grande mentira,
 Que se tornou verdade...! (PALHANO, 2014, p.101)

O que é atuar?
 Senão mentir.
 O que é atuar bem?

Senão mentir,
Convencendo... (PALHANO, 2014, p. 105)

Representando mais uma característica do Romantismo, o poema “Céu” nos revela um amor não correspondido. Assim como no poema “Estrela”, podemos notar um amor inatingível. O fascínio e o deslumbre de homem por um astro de brilho apaixonante, mas que não se pode alcançar.

Alcançarei o céu
Mesmo antes de morrer...
O
Céu
Da
Tua
Boca. (PALHANO, 2014, p.151)

Como uma estrela
Você brilha...!!
Desde que te conheci. (PALHANO, 2014, p.181)

Considerações finais

O apego excessivo e o fascínio por obras renomadas e autores canônicos talvez tenha feito com que não houvesse o interesse pelo regional. Porém, isso não significa que autores da região deixem de existir e muito menos de produzir obras que exaltem a natureza e a sociedade locais, o que faz com que existam diversas produções literárias que ainda não foram conhecidas.

Pudemos perceber também que o quanto as fases de evolução histórica, política, além dos ícones representativos do Amapá influenciaram e contribuíram para as inspirações poéticas na região.

Notamos que o meio impresso de informação, com destaque para o *Jornal Amapá*, foi de suma importância na divulgação dos poetas e suas obras, que servem até mesmo como registro histórico do desenvolvimento urbano e cultural de Macapá, capital do estado do Amapá.

Não podemos deixar de mencionar aqui a relevância das manifestações de alguns poetas amapaenses, pois eles tinham o intuito de valorizar produções poéticas dos autores regionais. Além disso, fizeram com que poetas anônimos tivessem oportunidades de divulgar seus poemas.

Considerando a contextualização, definições e características expostas nesta pesquisa, e analisando a obra do professor Palhano, identifica-se claramente que *Aventuras Poéticas* traz uma escrita que não segue o padrão convencional pelos poetas consagrados, mas que usa o português moderno. Somando-se a isso, a referida obra apresenta poemas com diferentes temáticas, cheios de criatividade e conteúdo desenhos ilustrativos.

Considerando essas definições e observando a obra analisada, podemos dizer que nos parece que Romualdo Palhano teve um cuidado minucioso para produzir os poemas de *Aventuras Poéticas* com a intenção de seguir ao passo as temáticas propriamente amapaenses. Pois, a escrita dos poemas é de fácil compreensão, podendo assim, ser acessível pelo público juvenil, até mesmo pelo público infantil com a presença de ilustrações nas páginas opostas aos poemas. Não extensos, seus textos citam nome de cidades, locais, costumes, entre outros, do estado do Amapá e também da Guiana Francesa. Logo, por esse viés podemos considera-la como uma obra da literatura amapaense.

Foi perceptível, em vários poemas de *Aventuras Poéticas*, que Palhano expõe temáticas que contêm muitas características de alguns poetas da fase do Romantismo brasileiro. Pelo menos, características da segunda geração romântica como: a morte; a fuga da realidade, através da vida noturna, da bebida, na vida boêmia (Palhano acrescenta o teatro como meio de fuga da realidade, como meio de camuflar as coisas ruins da vida); amor não correspondido, inacessível.

Por fim, pensando na maior valorização da cultura e da produção literária no Amapá, seria necessário o empenho dos profissionais formados em Letras no estado para divulgar as obras literárias dos autores regionais nas escolas. Deveriam ser incluídas essas produções em meio às produções canônicas, para que pudéssemos vencer essas dificuldades em despertar o interesse em relação às produções locais e aos autores regionais.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. – São Paulo: Cultrix, 2015.

CALDAS, Yurgel Pantoja; SOUZA, Manoel Azevedo de. **O *Jornal Amapá* e a literatura amapaense: os anos entre 1945 e 1968** – Macapá, v. 8, n. 3, 2º sem., 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

CANTO, Fernando. **Literatura das Pedras: a Fortaleza de São José de Macapá como *locus* das identidades amapaenses**. Macapá: UNIFAP, 2019.

MOISÉS, Massaud, **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

NOBRE, Carla Patrícia Ribeiro; ALMEIDA, Jorlaine Monteiro Girão de; PINTO, Tainara Cavalcante; CALDAS, Yurgel Pantoja. **Fernando Pessoa e a Poesia Amapaense: O habitar poético do espaço** – Congresso Nacional em Estudos Interdisciplinares da Linguagem. Disponível em: <https://www.coneil.com.br>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. **Aventuras poéticas**. Ilustrador: Romualdo Rodrigues Palhano. João Pessoa: Sal da Terra, 2014.

PICANÇO, Deisilane Lobato; CABRAL, Jhonata Pantoja; SANTOS, José Robson Lima dos; PENA, Nataly da Silva; CARMO, Yasmim Lia do; CHUCRE, Mônica. **Agentes que difundem a literatura no Amapá** – EVINTER, 27 de maio de 2011. Disponível em: <https://robsonlimaap.wordpress.com/2011/05/27/agentes-que-difundem-a-poesia-no-amap/>. Acesso em: 17 de junho 2022.